

Grupo: A posição ética do psicanalista

A mercantilização da psicanálise

Alejandro Pignato (EFF)

A influência pós-pandemia se manifesta em diferentes áreas da sociedade. Muitas atividades foram realizadas de forma online e posteriormente surgiu a modalidade híbrida. Nas redes sociais, observamos um aumento na oferta de terapias, cursos de formação e até mesmo diplomas online. Essas práticas também alcançam a psicanálise. Podemos ver propostas de formação que utilizam uma linguagem publicitária, como se fossem apenas mais um produto no mercado. Esses fatos nos levam a refletir sobre o papel da sedução na obtenção de novos "pacientes" (clientes) e a posição ética em relação à nossa prática: estamos a serviço de uma ética mercantil?

Os tratamentos à distância não são novidade. Desde que as comunicações se tornaram mais acessíveis, a modalidade telefônica se tornou cada vez mais comum e agora evoluiu para o formato online. Há muitos anos, existiam formas econômicas de conversar ao telefone. Ainda era possível realizar uma análise "à distância" por telefone. No início da pandemia, houve grande resistência na maior parte da comunidade psicanalítica em relação à implementação de modalidades virtuais.

O avanço da tecnologia supostamente simplificaria muitas situações e até mesmo se disse que, com a tecnologia, muitas tarefas automatizadas permitiriam que as pessoas tivessem mais tempo livre e trabalhassem menos. No entanto, o efeito foi o oposto. No campo do emprego, a tecnologia está levando a uma redução na oferta de mão de obra e as empresas estão lucrando mais.

No que diz respeito ao impacto das novas tecnologias na psicanálise, também há paradoxos. Por um lado, existem propostas, especialmente nas redes sociais, para atendimento "psi" online de acordo com diferentes abordagens teóricas. Vou citar alguns exemplos que encontrei em grupos do Facebook de argentinos em Barcelona:

"Minha mãe está oferecendo sessões de psicologia online para argentinos na Espanha, a um preço muito acessível e ela é altamente profissional."

"Meu nome é XXX e sou psicóloga. Trabalho com psicoterapia integrativa, adaptando o tratamento a cada paciente, oferecendo não apenas um espaço de escuta, mas também ferramentas práticas para lidar com o que está acontecendo." Ela completa sua publicidade com "transtornos de ansiedade, síndrome do imigrante, autoestima e dificuldades nos relacionamentos".

Nas primeiras reuniões de nosso grupo de trabalho, seguindo os eixos temáticos deste congresso, pensamos em como manter uma postura ética diante da tentativa, a partir do discurso do mestre, de massificar e transformar até mesmo os tratamentos terapêuticos em objetos de consumo. Nos exemplos mencionados anteriormente, isso fica claro: preços baixos, psicoterapia integrativa (que funciona para tudo), ferramentas práticas (soluções rápidas). As psicoterapias são transformadas em produtos consumíveis a preços baixos.

No entanto, há mais aspectos a serem considerados. Existem diversas propostas que visam inserir os psicoterapeutas em uma espécie de economia de mercado. Temos visto plataformas que tratam os psicoterapeutas como "entregadores" (riders). Eu também recebi uma oferta de colaboração na qual me propuseram expandir meu "negócio" com "clientes". A plataforma seria voltada para apoiar profissionais digitais. A proposta incluía o seguinte:

- Como terapeuta, você receberá 60 euros por sessão, sem custos adicionais.
- Pagaremos após cada sessão, mesmo em caso de ausência repentina do cliente ou cancelamento da sessão com até 24 horas de antecedência.
- Você trabalhará com clientes corporativos em um número ilimitado de sessões.

O sistema capitalista se infiltra em diferentes esferas e apropria-se de discursos, transformando-os em mercadorias.

A pandemia trouxe à tona algo que não era novo: a objetificação e mercantilização do sujeito, transformando-o em um "homo consumendis", um sujeito que consome e alimenta o sistema.

A partir do discurso do mestre, surgem diversas formas de silenciar a angústia, medidas adaptativas que visam sustentar o sistema.

Não é surpreendente que essas propostas apareçam. A concentração de diferentes linhas de pensamento para oferecer produtos consumíveis é uma estratégia capitalista eficaz.

Porém, o que nos preocupa é que esse mesmo discurso e essas mesmas práticas estão invadindo nossa própria prática.

Frequentemente, encontramos tentativas de modificar o quadro estabelecido: pacientes que cancelam sessões e se recusam a pagar, alegando que avisaram antecipadamente; resistência em pagar honorários razoáveis para não abrir mão de outros bens de consumo; questionamentos em relação à frequência das sessões, entre outros.

As neurociências e as terapias aprovadas pela medicina utilizam um discurso que desqualifica a psicanálise, sob a capa do discurso científico.

No entanto, não é responsabilidade do sujeito que procura ajuda ter clareza de que estamos lidando com a psicanálise. Essa é a tarefa do psicanalista. Embora o indivíduo possa pensar que está buscando terapia com um psicólogo ou "tratamento", é o analista que deve ter clareza de que se trata de uma análise (ou pelo menos aspira a ser).

No entanto, esse discurso de marketing sedutor também alcança psicanalistas e instituições. As redes sociais são um bom exemplo. Vemos propostas com designs gráficos que não apenas visam à estética, mas também utilizam recursos de vendas. Já vimos cartazes de instituições psicanalíticas oferecendo cursos com informações comerciais, por exemplo: "inclui: 15 sessões; 45 horas no total; acesso a gravações; certificado ao final; -preço-" e, por fim: "pergunte sobre nossas promoções". A única coisa que faltou seria adicionar "nossos atendentes estão aguardando sua ligação".

Na esfera pública, que convencionamos chamar de saúde pública, observamos a privatização das administrações, cujo objetivo, do ponto de vista administrativo, é otimizar a gestão e obter lucro. A questão ética que surge para os psicanalistas está relacionada a como sustentar uma prática fundamentada em um corpo teórico sólido e ao mesmo tempo conviver com os determinantes atuais, tais como:

- Questões terminológicas: ansiedade, depressão, ataques de pânico, etc.;
- Questões de enquadramento: frequência das sessões, diagnósticos, relatórios, duração do tratamento, etc.;
- Demandas dos pacientes: "diga-me o que você quer que eu faça", "o que você espera de mim", etc.;
- Demandas externas: "diga-me o que devo fazer na próxima semana" e "como posso mudar isso", etc.

Com base na análise proposta por Lacan em "O avesso da psicanálise", surge um debate atual: de um lado, um desafio ético de sustentar nossa posição, e de outro, uma resistência à invasão de um discurso e práticas que, de maneira disfarçada, tentam se apropriar não apenas do espaço, mas também do próprio discurso. O debate que podemos considerar é como evitar que os condicionantes atuais nos levem a recorrer a recursos emprestados do discurso do mestre. A posição ética não é um novo paradigma nem uma contribuição exclusiva da teoria lacaniana. Freud também enfatizava questões como a regra da abstinência, a neutralidade do analista e a proteção da privacidade do paciente, entre outras.

O avanço da ciência e da tecnologia levanta constantemente essas questões éticas. Além disso, surge a questão da inteligência artificial, que está começando a invadir diferentes áreas. A demanda de muitos consultantes para que ocupemos o lugar do conhecimento, do mestre ("diga-me o que eu tenho que fazer"), é um desafio com o qual a psicanálise vem lidando desde sua criação. Enfrentar esse obstáculo requer um trabalho minucioso, que poderíamos descrever como artesanal.

No entanto, também vemos outros aspectos atravessados pelo discurso capitalista que levam à mercantilização da psicanálise. A prática frequente de oferecer uma "primeira entrevista gratuita" em sites que promovem tratamentos psicológicos é uma estratégia de marketing. Ela comunica a mensagem de "venha, eu vou convencer (seduzir) você a iniciar um tratamento".

Não podemos operar fora da estrutura social dominada pelo discurso do mestre, nem podemos negar sua existência. Talvez a questão seja como sustentar um discurso psicanalítico na atualidade.